

Estacionamentos do poder viram “motéis”

Depois do expediente, as áreas em torno dos prédios públicos de Brasília perdem a seriedade oficial e são invadidas pela paixão

85
ROSA COSTA

BRASÍLIA — Se for confirmada sua intenção de ocupar o Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República, Itamar Franco pode acabar com o sossego de muitos namorados. Ou terá que se acostumar com apitos estridentes, mas zelosos, dos guardas que, durante toda a noite, tentam manter os limites da moral e dos bons costumes. O abandono do palácio, sem morador desde os tempos do presidente José Sarney, fez com que ele passasse a fazer parte do roteiro de casais que buscam, à noite, locais afastados para namorar dentro dos carros com alguma segurança.

As áreas de estacionamento do Alvorada se transformaram em dor de cabeça para os seguranças do local. À noite, quando percebe que a intenção de algum casal é passar um longo tempo por ali, o sentinela apita; como normalmente os namorados ficam tão entretetidos que sequer ouvem o aviso, o guarda é obrigado a deixar a guarita, ir até o carro e repetir a advertência: “O palácio é área de segurança e os que infringirem a ordem de não estacionar podem ser detidos”.

Os responsáveis pela segurança externa do Alvorada contam que, com freqüência, os soldados surpreendem o casal nos momentos mais íntimos do namoro. “Se a gente não correr para impedir, tudo pode acontecer”, espanta-se um dos funcionários.

Construído para dificultar o acesso de curiosos à residência oficial, um pequeno lago artificial — apelidado de Fonte dos Desejos, onde os visitantes jogam moedas e fazem pedidos — funciona como um atrativo para os namorados. Além, naturalmente, da imagem da lua refletida no Lago Paranoá, atrás do palácio. Numa cidade sem praia, no árido Planalto Central, o cenário ilude e dá um convidativo efeito de beira-mar.

Vagas disputadas — O Alvorada não é a única instalação oficial procurada pelos casais de Brasília para praticar a “corrida de submarino”, o namoro dentro do carro parado em local público. O problema é que os demais estacionamentos policiais, protegido de assaltantes, são fechados com grossas correntes ao final do expediente.



Sérgio Amaral/AE

“Corrida de submarino”

Carros estacionados diante do prédio do Supremo Tribunal Federal: fila para namorar em segurança

É o que ocorre nos estacionamentos do Palácio do Planalto, da Câmara e Senado e dos tribunais superiores. A disputa por vagas nas áreas “livres” da Esplanada dos Ministérios é grande e começa antes do início da noite. O local mais em voga no momento fica entre o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Palácio do Planalto. O espaço é pequeno, obrigando os motoristas a estacionar em filas e está sempre lotado durante a madrugada.

O namoro de um deputado do Paraná com uma jornalista paranaense, em plena área de segurança, foi um dos assuntos mais comentados durante a Constituinte. Eles esqueceram as roupas no gramado da Câmara dos Deputados quando fu-

giam da segurança, abrigando-se no carro de outro casal que estava por perto. O deputado foi identificado porque esqueceu a carteira de documentos no bolso de paletó derubado na grama.

Lago dos cisnes — O chefe da segurança do Senado, inspetor Francisco Pereira, o Índio, diz que nem mesmo com as correntes consegue impedir a invasão dos namorados nos estacionamentos. “Eles vão entrando com o carro, quebrando a corrente, como se estivessem em casa.” Índio conta que muitas vezes a segurança é alertada sobre a presença de estranhos fora do horário normal pelos cisnes criados no lago artificial existente nos fundos da

Câmara e do Senado. É só os namorados se excederem nos movimentos e os carros trepidarem que os cisnes começam a grasnar.

O alerta faz os vigias correrem até o carro ruidoso, provocando cenas cômicas como a que foi registrada na segunda-feira pela segurança do Senado. Ao ser flagrada pela lanterna do soldado, a namorada fugiu do carro sem roupas e por pouco não se atira no lago dos cisnes. Depois, mais calma, ela justificou sua reação ao revelar que era casada com uma “alta autoridade”, que em hipótese nenhuma poderia saber o que havia se passado. A ocorrência recebeu o carimbo de “confidencial”. Além de casada, a mulher é mãe de três filhos.